Anais do Congresso Brasileiro de Iniciação Científica
(https://periodicos.unisanta.br/COB)

ISSN 2317-1316

IDENTIDADE AUTISTA: A COMPREENSÃO E A CONSTRUÇÃO DE SI NA PERSPECTIVA DA PESSOA COM TEA

AUTISTIC IDENTITY: UNDESTANDING AUTISM AND THE CONSTRUCTION OF SELF FROM THE PERSPECTIVE OF AUTISTIC PEOPLE

Marina Mathias Loyola, Allana Rodrigues Alaion

Universidade Santa Cecília, Faculdade de Psicologia, Curso de Psicologia
E-mail para contato: ml216323@alunos.unisanta.br

RESUMO – A construção da identidade autista envolve processos que ultrapassam a compreensão do diagnóstico. Este projeto teve como objetivo analisar a construção da identidade de pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA), por meio de entrevistas individuais e estruturadas. Participaram 8 pessoas, com idades entre 14 e 42 anos. O conteúdo das entrevistas foi submetido à Análise Temática Reflexiva (Braun; Clarke, 2006; 2019), possibilitando a organização dos dados em 9 eixos temáticos. Os resultados indicaram que a identidade autista envolve processos de atribuição de sentido, relacionados a compreensão de experiências anteriores, a percepção de si e dos outros, a identidade de gênero e a influência das representações sociais do autismo.

Palavras-chave: Autismo; Identidade; Gênero; Adultos; Adolescentes.

ABSTRACT – The construction of autistic identity involves processes that extend beyond an understanding of the diagnosis. This project aimed to analyze the construction of identity among individuals with Autism Spectrum Disorder (ASD) through individual, structured interviews. Eight participants, aged between 14 and 42 years, took part in the study. The interview data were analyzed using Reflexive Thematic Analysis (Braun & Clarke, 2006, 2019), resulting in the organization of the data into nine thematic axes. The findings indicated that autistic identity involves processes of meaning-making related to the understanding of previous experiences, perceptions of oneself and others, gender identity, and the influence of social representations of autism.

Keywords: Autism; Identity; Gender; Adults; Teenagers.

ISSN 2317-1316

1. INTRODUÇÃO

De acordo com a Quinta Edição do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5; APA, 2014), o Transtorno do Espectro Autista (TEA) caracteriza-se por dificuldades persistentes na comunicação e interação social, associadas a padrões restritos e repetitivos de comportamento e interesses, sendo classificado conforme o nível de suporte necessário. No Brasil, o Censo de 2022 identificou cerca de 2,4 milhões de pessoas diagnosticadas com autismo, correspondendo a 1,2% da população (IBGE; Siqueira, 2025). O aumento dos diagnósticos e a crescente presença do autismo nas mídias e redes sociais ampliam as discussões sobre o reconhecimento das pessoas autistas e a participação do diagnóstico na construção de suas identidades.

A identidade pode ser compreendida como um processo contínuo, constituído pela autopercepção, pelas relações sociais e pelo reconhecimento do outro (Dubar, 2009; Silva, 2014). Nesse contexto, as representações sociais do autismo podem influenciar a maneira como as pessoas autistas compreendem a si mesmas, especialmente quando estereótipos não contemplam a diversidade do espectro e dificultam o reconhecimento de indivíduos que não correspondem a esses modelos (Stocki et al., 2024). O diagnóstico, sobretudo quando realizado na adolescência ou vida adulta, pode ainda favorecer uma reinterpretação da própria trajetória.

Diante disso, torna-se relevante compreender o autismo a partir da perspectiva das próprias pessoas autistas. Assim, este estudo teve como objetivo investigar como o diagnóstico de autismo influencia a construção da identidade de pessoas autistas, considerando diferenças de gênero e as representações sociais do autismo. Para isso, foram realizadas entrevistas individuais e estruturadas com oito participantes, com idades entre 14 e 42 anos.

2. MATERIAIS E MÉTODOS

Trata-se de um estudo descritivo, qualitativo e transversal, com amostragem intencional e não aleatória. Participaram oito pessoas com diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista (TEA), entre 14 e 42 anos, sendo cinco do gênero feminino e três do masculino. A coleta ocorreu entre março e setembro de 2026, por meio de entrevistas individuais e estruturadas, realizadas presencialmente ou de forma remota, com duração máxima de 40 minutos. As

ISSN 2317-1316

entrevistas foram gravadas, mediante autorização, e posteriormente transcritas. Quando necessário algumas perguntas foram reformuladas para favorecer sua compreensão.

Os dados foram analisados por meio da Análise Temática Reflexiva (Braun; Clarke, 2006; 2019), com codificação indutiva e organização dos achados em temas construídos a partir dos relatos. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Santa Cecília (CAAE nº 93846825.0.0000.5513). Os participantes adultos assinaram o TCLE e os adolescentes, o TALE, com consentimento dos responsáveis.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para preservar a identidade dos participantes, foram utilizados pseudônimos de flores, escolhidos aleatoriamente e sem relação com características pessoais. Foram analisadas as entrevistas de oito participantes, cinco do gênero feminino e três do masculino, com idades entre 14 e 42 anos. A Tabela 1 apresenta idade, gênero, idade ao diagnóstico e motivo da busca por avaliação ou diagnóstico de TEA.

Tabela 1: Informações dos Entrevistados

Pseudônimo	Idade	Gênero	Idade no diagnóstico	Motivo da busca por avaliação/diagnóstico
Lírio	42	Masculino	38	Filho diagnosticado com TEA. Se via em algumas atitudes do filho.
Rosa	15	Feminino	“10 ou 12”	Não sabe, mãe que procurou.
Violeta	16	Feminino	2	Não falava.
Jasmim	14	Feminino	“acho que 7,8”	Mãe que levou, não lembra porque.
Cravo	20	Masculino	“3 ou 4”	Não lembra, a mãe que levou. Refez o teste recentemente, e deu o mesmo resultado.
Tulipa	24	Feminino	23	Tio diagnosticado com TEA, filha com TDAH, e seu diagnóstico de Transtorno Bipolar não fazia sentido para ela.
Orquídea	35	Feminino	35	Filho diagnosticado com TEA. Se via em algumas atitudes do filho.
Girassol	16	Masculino	“11 ou 12”	Mãe procura uma explicação dele “ser assim, do jeito dele”

ISSN 2317-1316

A partir da leitura das transcrições, foram realizadas a codificação inicial e a organização dos códigos em temas, conforme a Análise Temática (Braun; Clarke, 2006). A análise identificou temas recorrentes e relatos pontuais relevantes à compreensão da experiência identitária no espectro autista, abrangendo concepções sobre o autismo, trajetórias diagnósticas, pertencimento, legitimidade, adaptação social, gênero e representações sociais.

3.1. CONCEPÇÕES DE AUTISMO

É importante situar como os participantes concebem o autismo, uma vez que suas falas revelam diferentes sentidos atribuídos à condição e ao próprio diagnóstico. Os participantes compreendem o autismo como parte constitutiva da pessoa e forma particular de funcionamento, mas também a partir de perspectivas medicalizadas, deficitárias ou associadas a características excepcionais.

Lírio e Orquídea compreendem o autismo como parte constitutiva da pessoa e como uma forma particular de funcionamento. Lírio o descreve como: “uma forma diferente de enxergar as coisas”, enquanto Orquídea o compreende como: “ uma condição, como cientificamente é explicado, mas eu também acho que ele seja parte da pessoa [...] é mais uma parte da personalidade, das características gerais que moldam a pessoa durante a vida dela”.

Essas concepções se aproximam da discussão de Ortega (2008) sobre a neurodiversidade, segundo a qual o autismo pode ser compreendido, por parte das pessoas autistas, como algo que “se é”, e não como algo que “se tem”. Essa perspectiva também aparece na fala de Lírio, que diferencia o autismo de uma doença passível de tratamento ou cura: “o autismo não vai ter tratamento, não vai ter cura. Porque não é uma doença, é uma função”.

Em contraste, Rosa apresenta uma concepção mais próxima de uma perspectiva medicalizada e deficitária do autismo, o definindo como “um probleminha no cérebro”, e também afirma que existem “autismos de nível menor e maior”. Ao comparar sua condição à de um colega, refere-se a ele como alguém com “autismo de nível alto” e afirma sobre si mesma: “graças a Deus que eu tenho, tipo, um autismo de nível baixo”. A fala evidencia que as classificações relacionadas ao nível de suporte podem assumir, no discurso cotidiano, sentidos hierarquizados.

ISSN 2317-1316

Em outra direção, Cravo associa o autismo a características que considera positivas e diferenciadas, ao afirmar que pessoas autistas podem apresentar “inteligência grande, como eu tenho”. Essa associação aproxima-se do que Kwant (2025) discute como o mito do “gênio incompreendido”, evidenciando que representações aparentemente positivas também podem reduzir a diversidade do espectro a características específicas.

Os relatos evidenciam, portanto, diferentes formas de compreender o autismo, com perspectivas identitárias, deficitárias ou associadas a características excepcionais.

3.2. Trajetórias De Reconhecimento E Diagnóstico

Três participantes, Lírio, Tulipa e Orquídea receberam o diagnóstico de TEA na vida adulta. Nos três casos, o contato próximo com um familiar autista contribuiu para o reconhecimento de características próprias e para a busca por avaliação. Lírio e Orquídea identificaram semelhanças com os filhos, enquanto Tulipa reconheceu características semelhantes às do tio, além de não se reconhecer no diagnóstico anterior de transtorno bipolar. O diagnóstico possibilitou uma releitura de experiências anteriores, como a compreensão de situações de “sobrecarga sensorial” por Lírio, que antes não conseguia nomear, e da própria infância por Orquídea.

O relato de Tulipa acrescenta uma dimensão emocional ao processo: embora o diagnóstico tenha possibilitado a compreensão de experiências anteriores, também foi acompanhado por sentimentos de luto diante das dificuldades vivenciadas antes de compreender suas particularidades: “Eu achei que muita coisa ia fazer sentido. Mas olha, foi uma sensação de luto, eu acho. Pela criança que não entendia por que as coisas funcionavam daquele jeito. [...] Fiquei triste.” . Essa ambivalência dialoga com Huang et al. (2023), que identificaram, entre adultos diagnosticados tardiamente, tanto o diagnóstico como fonte de compreensão quanto sentimentos de arrependimento e luto relacionados à ausência de um diagnóstico anterior. O papel dos familiares também encontra respaldo em Lilley et al. (2023), que identificaram relatos em que o contato com uma pessoa próxima com autismo favoreceu o acesso a informações sobre e o reconhecimento de características semelhantes em si mesmos.

ISSN 2317-1316

Os demais participantes, receberam o diagnóstico na infância, entre os 2 e os 12 anos, a partir de buscas realizadas pelos pais. Violeta foi diagnosticada aos 2 anos, após os responsáveis identificarem que ela não falava, enquanto Girassol relatou que sua mãe buscava uma explicação para suas características. Jasmim e Cravo não souberam indicar o motivo, e Rosa relatou pouca participação no processo.

Na infância, os participantes apresentavam compreensão limitada sobre o significado do diagnóstico. Jasmim afirmou que a notícia "não me afetou em nada, porque eu não sabia", enquanto Girassol relatou que, por ser pequeno, "não fez muita diferença". Cravo, embora soubesse do diagnóstico, descreveu uma compreensão que se modificou ao longo do desenvolvimento. Posteriormente, Girassol, Jasmim e Rosa passaram a buscar informações ou relacionar o diagnóstico a características percebidas em si mesmos, processo que dialoga com a "jornada de compreensão" descrita por Sharp et al. (2026).

Assim, o diagnóstico não encerrou o processo de compreensão do autismo. Entre os diagnosticados na vida adulta, observou-se uma releitura retrospectiva da trajetória, enquanto, entre os diagnosticados na infância, a compreensão foi construída gradualmente ao longo do desenvolvimento.

3.3. PERTENCIMENTO, LEGITIMIDADE E O OLHAR DO OUTRO

Embora os níveis de suporte constituam especificadores clínicos no DSM-5 (APA, 2014), os relatos mostram que também são utilizados pelos participantes para interpretar a própria condição e diferenciar formas de vivenciar o autismo, adquirindo sentidos relacionados ao pertencimento e à legitimidade.

3.3.1. "Não autista o suficiente"

Jasmim expressa dúvida sobre a própria legitimidade enquanto pessoa autista: "na maioria das vezes, eu sinto que eu não sou autista porque eu não tenho muitos traços que os autistas têm". Sua dúvida relaciona-se à percepção de não corresponder às características que associa ao autismo.

ISSN 2317-1316

Girassol, por sua vez, descreve uma experiência distinta. Ao relatar já ter se sentido "fora do padrão", explica: "eu vejo que as minhas dificuldades são bem menores do que outras dificuldades de pessoas também com o transtorno do espectro autista, então eu não tô exatamente no mesmo grupo que aquelas pessoas, só que eu também não sou 'normal' o bastante pra ficar no grupo com as outras pessoas [...] eu fico num lugar meio deslocado ali, que não fica nem de um lado nem do outro." Diferentemente de Jasmim, não questiona o diagnóstico, mas relata dificuldade em se reconhecer integralmente nos grupos com os quais se compara.

3.3.2. Hierarquização e "autismo aceitável”

Retomando a fala de Rosa, observa-se que os níveis de suporte assumem, em seu discurso, um sentido hierárquico. Ao afirmar que os colegas apresentam um "nível maior" e que agradece por ter um "nível menor", a participante estabelece uma distinção entre diferentes formas de autismo e posiciona sua própria experiência de maneira mais favorável nessa comparação. Essa percepção pode ser relacionada ao estigma internalizado discutido por Huang et al. (2023), no qual julgamentos socialmente construídos sobre o autismo podem influenciar a avaliação que a pessoa faz de si e de outros autistas.

Orquídea também relaciona os níveis de suporte a hierarquização do diagnóstico: "o que eu acho que pode pegar um pouquinho no autismo é os níveis [...] você pega o nível 1 com um nível 3 e você fica confusa [...] eu já uso até o TEA nível 1, já corto assim porque a pessoa que tem um filho nível 3 vai olhar pra você e vai falar tipo que não é." Nesse contexto, a especificação “TEA nível 1” aparece como uma forma de situar sua experiência diante da possibilidade de ser considerada menos legitimamente autista por outras pessoas.

3.3.3. Visão social e aceitação do diagnóstico

Enquanto alguns participantes relatam que a opinião alheia interfere na forma como avaliam próprio diagnóstico, Lírio afirma atribuir pouca relevância ao julgamento social, mesmo diante de reações de estranhamento no ambiente de trabalho: "as pessoas ainda não sabem bem como lidar [...] tem gente que fala assim, 'ah, frescura'." Ele relaciona essas reações à falta de conhecimento: "as pessoas são ignorantes [...] não no sentido de ser estúpida, mas [...] de não ter conhecimento [...] a pessoa só vai estudar o assunto quando tem um filho ou quando é autista.".

ISSN 2317-1316

Tulipa relata uma experiência distinta por parte de uma colega de trabalho cujo irmão é autista: "a única pessoa que não falou isso pra mim [...] foi a única que falou 'ah, eu não sabia', e não um 'ah, você não parece.”. O relato sugere que a familiaridade prévia com o autismo pode favorecer formas menos estereotipadas de recepção do diagnóstico. Essa interpretação dialoga com Araujo et al. (2024), que verificaram, em estudantes universitários brasileiros, associação entre maior conhecimento sobre o TEA, redução de atitudes estigmatizantes e maior abertura para relações de maior intimidade com pessoas autistas.

3.3.4. Família e (des)legitimação do diagnóstico

A deslegitimação familiar aparece de forma explícita nos relatos de Jasmim e Tulipa. Jasmim relata reações distintas por parte dos pais: "meu pai só disse que eu não sou, e que isso é só falso. Mas minha mãe, ela só de vez em quando finge que eu não sou. Ela só ignora". Tulipa, por sua vez, atribui a dificuldade da mãe em reconhecê-la como autista a normalização de suas características dentro da dinâmica familiar: "a minha mãe não me enxerga como autista [...] porque eu acho que pra ela eu sempre fui assim.".

Em contraste, Orquídea relata uma recepção familiar sem choque, inclusive por parte da mãe: "ninguém se surpreendeu". Lírio, por sua vez, descreve uma experiência que não envolve negação do diagnóstico, mas dificuldades da esposa em compreender determinadas reações suas. Os relatos evidenciam, assim, diferentes formas de reconhecimento familiar do diagnóstico, que variam entre a negação, a normalização de características autísticas e a aceitação sem estranhamento.

3.4. ESTRATÉGIAS DE ADAPTAÇÃO E MASCARAMENTO

Os participantes também relataram estratégias de adaptação às expectativas sociais. Tulipa descreve que suas características são frequentemente questionadas no trabalho: "todo mundo fica 'ah, mas você fala tão bem.' Eu fico tipo: eu aprendi a falar [...] mas é tudo forçado. É tudo fingido." A participante relaciona essa percepção ao fato das pessoas conviverem com ela apenas durante parte do dia: "vocês ficam comigo só uma parte do meu dia, não todo ele [...] não julga, porque você não sabe”. O relato sugere que a observação limitada de seu

ISSN 2317-1316

comportamento pode contribuir para a desconsideração de dificuldades que não são imediatamente perceptíveis.

A camuflagem social (*masking* ou *camouflaging*) consiste em estratégias conscientes ou inconscientes para ocultar ou modificar características autísticas, buscando atender as expectativas sociais (Pearson; Rose, 2021). Tulipa descreve o uso dessas estratégias em seu cotidiano: “tem dias que parece que eu estou fingindo. Será que eu não fingi o suficiente, por isso que eu consegui o diagnóstico? [...] então eu passo o dia todo mascarando. Tem dias que até eu esqueço das minhas limitações. Que aí é quando bate a crise”. Orquídea também relata estratégias de monitoramento do próprio comportamento, incluindo a observação das expressões faciais de outras pessoas para ajustar as suas, em consonância com estratégias de camuflagem descritas por Hull et al. (2017), como observação, imitação e monitoramento da própria apresentação durante as interações sociais.

Além da modificação do comportamento, Jasmim relata ocultar o diagnóstico por receio de ser tratada de forma diferente. Os relatos apontam, portanto, diferentes estratégias de adaptação, envolvendo tanto o comportamento quanto a decisão de revelar ou ocultar o diagnóstico.

3.5. ATRAVESSAMENTOS SOCIAIS E CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE

3.5.1. Gênero e reconhecimento do autismo

A literatura aponta que o subdiagnóstico e diagnóstico tardio do autismo em meninas, são associados, entre outros fatores, à apresentação menos evidente de características e à camuflagem (Freire; Cardoso, 2022).

Tulipa relata um caso concreto que ilustra esse padrão, ao comentar sobre uma colega de sala de sua filha: "tem inclusive uma menina na sala da minha filha que eu tenho certeza que ela é autista. Mas não vão atrás desse diagnóstico. Porque ela é quietinha, e tá tudo bem ela ser quietinha.". A fala sugere que características comportamentais que não geram prejuízos

ISSN 2317-1316

aparentes ou perturbações no ambiente podem ser interpretadas como parte da normalidade em vez de motivarem uma investigação diagnóstica.

Lírio, por sua vez, associa seu gênero, raça e condição socioeconômica à própria trajetória de reconhecimento, afirmando que, nesse contexto, um homem autista poderia ser percebido como "excêntrico", enquanto uma mulher poderia ter sua experiência interpretada de forma diferente. Cravo, Girassol e Rosa, por outro lado, não perceberam influência do gênero no reconhecimento do autismo. Assim, a influência não foi percebida de forma uniforme entre os participantes.

3.5.2. Mídia e representações do autismo

Diferentemente do eixo de gênero, os relatos sobre mídia foram heterogêneos. Tulipa e Girassol relatam um efeito positivo, Tulipa afirma: "tem muita gente que compartilha lá como é ser adulto com o diagnóstico [...] eu não fiquei me sentindo tão peixe fora d'água", enquanto Girassol relata: "a mídia digital foi boa pra mim [...] assistir esses conteúdos [...] foi bom pra entender [...] e aceitar um pouco melhor algumas coisas." Orquídea, por outro lado, expressa desconfiança em relação ao uso de conteúdos digitais para o autorreconhecimento: "eu não sou aquela pessoa que pega um vídeo do Instagram e fala 'nossa, eu acho que eu sou autista porque eu caibo nisso' [...] nunca funcionou assim para mim.". A participante valoriza, em vez disso, sua formação técnica e sua experiência como mãe de uma criança autista. Assim, a mídia apareceu tanto como fonte de validação e pertencimento quanto como objeto de desconfiança, dependendo da forma como os participantes atribuem legitimidade às diferentes fontes de conhecimento sobre o autismo.

4. CONCLUSÃO

A partir dos relatos, compreendeu-se que a identidade autista não se constitui apenas a partir do diagnóstico, mas também da forma como cada pessoa compreende suas características, interpreta sua trajetória e se relaciona com as representações sociais do autismo, envolvendo processos de compreensão, reconhecimento e questionamento da própria legitimidade. A diversidade das experiências deve ser considerada diante da amostra reduzida e heterogênea,

ISSN 2317-1316

composta por participantes de diferentes idades, gêneros e níveis de suporte. A coleta também evidenciou dificuldades na compreensão de questões mais abstratas, indicando a importância de instrumentos acessíveis a diferentes perfis. Estudos futuros podem ampliar a participação de pessoas com deficiência intelectual e maior necessidade de suporte, bem como investigar as relações entre gênero, faixa etária, nível de suporte e construção da identidade autista.

5. DECLARAÇÃO DE USO DE IA

Durante a elaboração deste trabalho, utilizaram-se ferramentas de inteligência artificial como recursos auxiliares em diferentes etapas da pesquisa. O Chat GPT foi utilizado como recurso auxiliar na organização do projeto, na revisão do roteiro da entrevista, reorganização de seções do trabalho, síntese, revisão e aprimoramento da redação acadêmica, bem como no refinamento de trechos em inglês.

O Claude foi utilizado como ferramenta complementar na verificação dos temas e subtemas identificados pelos pesquisadores, na identificação de possíveis convergências entre as entrevistas e na busca de referências acadêmicas relacionadas aos achados. A análise dos dados, a interpretação dos resultados, a seleção das referências e as decisões acerca da organização dos temas foram realizadas pelos pesquisadores.

O TurboScribe foi utilizado para auxiliar na transcrição dos áudios das entrevistas. Todo o conteúdo produzido ou sugerido com auxílio das ferramentas foi revisado e validado pelos autores, que assumem total responsabilidade pela versão final do trabalho.

6. REFERÊNCIAS

American Psychiatric Association (APA). Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

ARAUJO, Ana Gabriela Rocha; SILVA, Mônica Aparecida da; BANDEIRA, Paulo Felipe Ribeiro; GILLESPIE-LYNCH, Kristen; ZANON, Regina Basso. Stigma and knowledge about autism in Brazil: a psychometric and intervention study. *Autism*, v. 28, n. 1, p. 215–228, 2024. DOI: https://doi.org/10.1177/13623613231168917.

BRAUN, Virginia; CLARKE, Victoria. Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology*, v. 3, n. 2, p. 77–101, 2006.

ISSN 2317-1316

BRAUN, Virginia; CLARKE, Victoria. Reflecting on reflexive thematic analysis. *Qualitative Research in Sport, Exercise and Health*, v. 11, n. 4, p. 589–597, 2019.

DUBAR, Claude. *A crise das identidades: a interpretação de uma mutação*. Trad. Vera Maria Trevisan Amaral. 2. ed. São Paulo: Edusp, 2009.

FREIRE, Milson Gomes; CARDOSO, Heloísa dos Santos Peres. Diagnóstico do autismo em meninas: revisão sistemática. *Revista Psicopedagogia*, São Paulo, v. 39, n. 120, p. 435–444, 2022. DOI: https://doi.org/10.51207/2179-4057.20220033

HUANG, Yunhe.; TROLLOR, Julian N.; FOLEY, Kitty-Rose; ARNOLD, Samuel R. C. "I've spent my whole life striving to be normal": internalized stigma and perceived impact of diagnosis in autistic adults. *Autism in Adulthood*, v. 5, n. 4, p. 423–436, 2023.

HULL, Laura; PETRIDES, K. V.; ALLISON, Carrie; SMITH, Paula; BARON-COHEN, Simon; LAI, Meng-Chuan; MANDY, William. "Putting on my best normal": social camouflaging in adults with autism spectrum conditions. *Journal of Autism and Developmental Disorders*, v. 47, p. 2519–2534, 2017. DOI: 10.1007/s10803-017-3166-5.

KWANT, Fátima de. O mito do "gênio incompreendido": romantização do autismo. **Canal Autismo**, 1 jun. 2025. Disponível em: https://www.canalautismo.com.br/artigos/o-mito-do-genio-incompreendido-romantizacao-do-autismo/ . Acesso em: 24 set. 2026

LILLEY, Rozanna; LAWSON, Wenn; HALL, Gabrielle; MAHONY, Joanne; CLAPHAM, Hayley; HEYWORTH, Melanie; ARNOLD, Samuel; TROLLOR, Julian; YUDELL, Michael; PELLICANO, Elizabeth. "Peas in a pod": oral history reflections on Autistic identity in family and community by late-diagnosed adults. *Journal of Autism and Developmental Disorders*, v. 53, n. 3, p. 1146–1161, 2023. DOI: https://doi.org/10.1007/s10803-022-05667-z.

ORTEGA, Francisco. O sujeito cerebral e o movimento da neurodiversidade. *Mana*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 2, p. 477–509, 2008. DOI: https://doi.org/10.1590/S0104-93132008000200008.

PEARSON, Amy; ROSE, Kieran. A conceptual analysis of autistic masking: understanding the narrative of stigma and the illusion of choice. *Autism in Adulthood*, v. 3, n. 1, p. 52–60, 2021. DOI: 10.1089/aut.2020.0043.

SHARP, K. E.; BACZEWSKI, Lauren; BERTOLLO, Jennifer R.; NEUMAN, Chloe C.; LOPEZ, Andrea; CAREL, Elodie; VERBALIS, Alyssa; PUGLIESE, Cara E.; KENWORTHY, Lauren. It's part of me: autistic adolescents thoughts and feelings towards their autistic identity/autism diagnosis. *Frontiers in Psychiatry*, v. 17, 1767141, 2026. DOI: https://doi.org/10.3389/fpsyt.2026.1767141.

SILVA, Tomaz Tadeu da. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais.* Belo Horizonte: Autêntica, 2014. 3. reimpr. 2017.

SIQUEIRA, Breno. Censo 2022 identifica 2,4 milhões de pessoas diagnosticadas com autismo no Brasil. *Agência de Notícias do IBGE*, 23 maio 2025. Disponível em:

ISSN 2317-1316

https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/43464-censo-2022-identifica-2-4-milhoes-de-pessoas-diagnosticadas-com-autismo-no-brasil. Acesso em: 08 jul. 2025.

STOCKI, Juliana; *et al.* Representação do autismo na mídia: revisão integrativa sobre autenticidade e percepção pública. *Revista Inova Saúde*, Criciúma, v. 15, n. 3, 2023. ISSN 2317-2460